

Diário de Campo Joca

I Notas de Campo – Entrevistado A – 25/10/2011

Antes da entrevista estava muito nervosa, não tinha que ver com o entrevistado mas como era a primeira vez que fazia uma entrevista sozinha... Li e reli as perguntas que supostamente queria ver respondidas.

A entrevista foi no gabinete do entrevistado tal como combinado com este anteriormente. Combinámos que seria às 17H00, logo após o término da sua aula. Às 16H50 lá estava eu à espera e dez minutos depois os alunos começaram a sair e ele veio logo ter comigo a questionar se tinha sido este o dia combinado. Fomos para o seu gabinete e antes de começarmos falámos de várias coisas e quase como que sem darmos por isso a entrevista começou (apenas o facto de ter que ligar o gravador fez com que fosse “oficial” este começo).

Como este é um gabinete partilhado, durante a entrevista um dos seus colegas entrou e saiu duas vezes, mas foi bastante subtil pelo que não teve grande impacto nesta. Apenas quando ele entrou da primeira vez é que o entrevistado lhe disse o que estava a fazer, depois disso as suas saídas e entradas foram silenciosas.

A entrevista decorreu de forma calma e sem grandes surpresas. Nesta primeira entrevista, tal como lhe foi explicado, abordaríamos um pouco a sua infância. Este foi um tema que não parece de todo ter agradado ao entrevistado. Durante a entrevista e durante o tempo em que falava desta referiu várias vezes que esta tinha sido infeliz e a sua expressão facial também o fazia transparecer. Deu-me a ideia que não gostava muito de falar desta e que excepto o futebol e, a partir de uma certa idade, ir ao mar com o pai, a infância não lhe trás boas recordações. Isto parece-me, a mim, pelo facto de ter sido obrigado desde cedo a ir ao mar e também porque não era um miúdo calmo, pelo contrário... dava muitos problemas, era uma criança ruim e isso não lhe deve ser fácil recordar.

Não fiquei surpreendida por falar muito do pai, já sabia que o adorava... fiquei sim que a mãe tivesse sido uma figura tão “apagada” na sua vida. Apenas falou dela penso que duas vezes, e uma delas fui eu que lhe perguntei por ela. Disse que não lhe era malcriado, mas não lhe tinha respeito e isso sim surpreendeu-me... surpreendeu-me

o facto de não parecer ter tido uma ligação muito afectiva com a mãe. Talvez por o seu pai ter sido uma presença tão forte, a mãe foi uma pessoa que parece ter passado pela vida dele sem o ter marcado muito. Também a descrição do pai foi contraditória... ou mais a sua relação com ele... Disse-me que foi o seu melhor amigo, o seu companheiro... mas também disse que não era carinhoso com ele... na primeira parte da entrevista parecia descrever-me uma pessoa que tinha sido má para ele mas depois foi o contrário. O que é certo é que o tema “pai” e “desporto” despertam nele um brilho no olhar e o fazem falar mais e desprender-se (não que seja uma pessoa difícil de comunicar). O irmão também foi uma figura que o marcou pois fez papel de pai dele... acho que era um complemento ao pai.

Senti ainda que o entrevistado é muito directo e objectivo nas respostas que dá... mas a “infância” não é de facto um bom tema para ele. Aqui falamos de uma infância até 12/13 anos... Falou desta mas de vez em quando fugia e depois volta ao tema... A expressão dele ao falar era mesmo de quem tinha sido infeliz... não sei... e no início nem me olhava, parecia que estava a recordar tudo e olhar para o horizonte...

Surpreendeu-me também o facto de ter sido uma criança (e não só) violenta, por vezes malcriada, agressiva... Não esperava... Mas também vi nele uma criança triste que viu no futebol, no desporto o seu escape e... também a pesca e o mar o foram... aliás depois de termos desligado o microfone ele disse “No mar não tinha pressão... Era aquela liberdade...”.

Esperava que ele tivesse falado um pouco mais... Na minha opinião foi realmente o pai que o marcou. Falou não só da infância, começou a falar de outros aspectos da sua vida... Se lhe tivesse que fazer a mesma entrevista outra vez... Não sei... ele foi transparente, ele não foi feliz na infância. Talvez perguntasse “que momento é que mais te lembras/ te marcou com a tua mãe enquanto criança? E com o teu pai?” Isto porque me custa que ele não mostre que a mãe tenha tido algum papel importante na sua vida.

Depois da entrevista ainda ficámos a falar e concordámos em ligar o gravador novamente pois o que estávamos a falar era importante... Ainda à saída do gabinete fomos a falar e ele me falou da “Cova da Onça” e que quando era miúdo não podiam ir para lá, se fossem apanhados eram presos a postes e gozados. Disse-me que foi

apanhado uma vez mas que chorou e isso fez com que o soltassem. Isto era algo que perguntaria pois faz parte da sua infância.

Por último achei curioso o facto de várias vezes ele estar preocupado estaria a avançar de mais e refere mesmo que se necessário poderia voltar para trás se eu precisasse, para me localizar cronologicamente. Penso que isto se deve ao facto de ele também estar a fazer histórias de vida e ter em consciência o que é que “deve” fazer. Isto pode ser um factor negativo pois pode influenciar naquilo que diz, ou seja, em vez de se sentir livre para falar, estar influenciado pelo método.

II Notas de Campo – Entrevistado A – 22/11/2011

Esta segunda entrevista correu com muita normalidade. Tal como na primeira entrevista, esta foi no gabinete do entrevistado.

Esta entrevista serviu fundamentalmente para ver respondidas algumas questões que me ficaram, ou que me surgiram, da primeira entrevista. Algumas questões foram sendo respondidas antes de eu as fazer pelo que voltou a ser uma conversa muito boa. A entrevista durou mais tempo do que a anterior mas consegui perguntar quase tudo o que queria. Hoje o discurso foi muito mais “certinho”, ou seja, em termos temporais nunca foi muito mais além.

Surpreendeu-me, quase no final, o entrevistado ter começado a falar de um tema mais... mais íntimo e até chegou a dizer em tom de brincadeira que essa informação não me serviria, mas foi bom sentir que da parte dele houve essa abertura e um à vontade grande. Também não sei se esse facto se deveu por a entrevista hoje ter ido muito ao encontro de certos sentimentos e isso pode ter levado a que o à vontade no final da entrevista fosse maior. Por ter falado de tal tema, da sexualidade, isso fez-me questionar até onde devo ir na história de vida, pois a minha intenção nunca foi, nem é entrar num foro tão íntimo.

O gravador até agora não parece estar a ser um factor inibidor, pois nesta entrevista o entrevistado fartou-se de bater com a mão na mesa e poucas vezes olhou para ter cuidado com o gravador. O bater com as mãos na mesa deve-se ao facto da sua grande expressividade.

Relativamente a expressividade, hoje notei algo no seu olhar... Existem dois temas que o fazem sorrir, o pai e o desporto, mas enquanto que a falar do desporto os seus olhos brilham (hoje notou-se tão bem, a expressão, o sorriso ao falar dos anos em que foi muito feliz no INATEL, na RAFE... pós 25 de Abril...), quando fala do pai sorri mas o seu olhar é de nostalgia e faz muito mais paragens. Gostei muito de uma das suas paragens ao falar do pai e depois do que disse: “Acho que fui um bom filho para o meu pai”. Surpreendeu-me foi o facto de ter dito que o seu irmão do meio era o preferido do pai mas que isso não o parece magoar nem nada do género pois aquilo que ele sente por aquele homem é um amor muito forte e uma admiração enorme.

Não existem questões neste momento que me lembre que poderia fazer se voltasse a fazer a entrevista, mas sei que o que vem a seguir da sua vida vai ser totalmente diferente. Quero começar a explorar quando acabou o magistério e começou a dar aulas e depois a educação de adultos. Por mais que a parte da infância e da adolescência me atraiam bastante numa História de Vida, é a Educação de Adultos que quero explorar mais para a minha dissertação.

Depois da entrevista ainda falámos sobre a casa onde cresceu e sobre a impossibilidade de entrar lá pelo facto de estar em risco de cair, mas pusemos a hipótese de a visitar por fora.

III Notas de Campo – Entrevistado A – 16/12/2011

Esta entrevista estava marcada para três dias antes, mas o meu entrevistado estava cansado nesse dia pelo que tivemos de adiar para mais tarde. Desta vez a entrevista foi noutra espaço, na mesma escola mas num gabinete diferente, pois o gabinete do meu entrevistado estava ocupado pelo seu colega e achei por bem sugerir irmos para outro espaço.

Não senti que esta entrevista tivesse corrido bem, por alguns motivos. Primeiro porque eu mesma estava indisposta e isso fez que não conseguisse formular muitas questões novas e depois porque o guião tinha poucas questões e deparei-me com o problema de não saber bem o que se passou na vida do entrevistado. Houve também por parte do entrevistado uma confusão com datas e locais onde leccionou e isso não facilitou a entrevista, acordámos que no fim ele me facultaria o seu currículo para eu o “estudar” e assim aconteceu.

Nesta entrevista não avançamos muito mais do que a anterior, pelos motivos atrás apresentados.

Gostei como o entrevistado falou da sua experiência na Colatra e sobre a reflexão de que se voltasse atrás faria certas coisas de maneira diferente. Esta entrevista também tem duas partes pois depois de termos terminado a entrevista o entrevistado queria falar mais... mas grande parte do que disse não vai ser transcrito a pedido deste.

No final enquanto iam até ao seu gabinete para me facultar o seu currículo disse que não falou muito da vida pessoal, pensa não ser relevante porque naquela altura era um “vadio”, pouco passava em casa, ia muito para os “copos” e que a Universidade lhe mudou a maneira de ser. Aí existiu uma transição biográfica pois a Universidade fez com que conhecesse outras pessoas, ganhasse outras responsabilidades e se “desligasse” um pouco das amizades que tinha. Passou a ser mais “caseiro” e calmo, quanto a vida social.

Se voltasse a fazer esta entrevista sem dúvida que me prepararia de outra forma e possivelmente tinha-a adiado para outro dia.

IV Notas de Campo – Entrevistado A – 19/01/2012

Para esta entrevista tinha grandes expectativas, porque iríamos entrar mesmo na experiência da Educação de Adultos do entrevistado.

Não foi fácil para mim fazer este guião... aliás está cada vez mais complicado porque mesmo sabendo os meus objectivos não sinto que esteja a conseguir formular boas questões.

A entrevista voltou a ser no gabinete do entrevistado e durou cerca de 50 minutos o que para mim foi uma desilusão... Por um lado o entrevistado não parecia estar muito bem de saúde, por outro não sei se estou a conseguir realmente fazer as questões correctas. Tinha bastantes perguntas mas senti que estas foram esgotadas num instante...

Não sei muito sinceramente o que teria feito diferente se voltasse atrás mas acho que o problema é que não sei puxar mais a conversa e aprofundar os assuntos...

Estas notas vão ser bastante curtas mesmo porque eu estou com sérias dúvidas se consigo encaminhar estas entrevistas e conseguir mesmo o que quero.

Notas Campo – Conversa Informal – Aveiro 25 de Nov de 2011

No dia 25 de Novembro de 2011 num jantar tive a oportunidade de participar de uma conversa onde o meu entrevistado A também participava. A conversa acabou por ser em grande parte “dada” por A, fazendo assim que eu aproveitasse a acasão para recolher algumas informações sobre a sua vida que ainda não tinha tido oportunidade para saber. Apontei, discretamente no telemóvel, alguns dados que ainda não sabia:

A conversa começou com gastronomia e aí o A disse que por acasão do mestrado é que aprendeu a cozinhar, à volta de 15 anos; Fiquei depois a saber que durante 5 anos pertenceu à Associação de Vela; Que foi entre 85 e 90 que esteve nos cursos de educação de adultos; Que fez parte da Equipa Nacional de Projectos para definir o perfil do Educador de Adultos, mas que esse nunca foi aprovado; Que foi colocado em Odeceixe na teleescola mas não ficou o ano lectivo todo, era recém casado e o filho foi lá gerado. Deixou a escola na altura do Carnaval, antes jogava com os miúdos à bola, uma das alunas apaixonou-se por ele. Tinha também um amigo que era um cão que o acompanhava de escola para casa e de casa para a escola. Um dia decidiu fazer comida (estava farto de lulas que a mulher lhe mandava) e comprou carne e feijão, mas ao tentar comer não gostou mesmo nada, tentou mas realmente não lhe sabia nada bem... Pegou na panela e deu ao cão, disse que durante o caminho o cão ia ganindo e “cagando”, o cão esteve desaparecido durante uns dias e ele pensou que tivesse matado o cão, mas acabou por voltar. Esta foi a sua primeira experiência culinária.; Outra história em Odeceixe foi num final do dia ao voltar para casa, como era de noite e não havia luz tinha que levar uma lanterna, ouviu um barulho e apontar a lanterna deu com os olhos de um burro que se assustou e começou aos coices... disse que apagou a luz e se encostou à parede com medo; Falou também da altura em que trabalhou na Caixa Geral (depois do 25 de Abril) e que nessa altura haviam muitos assaltos, ele era caixa e trabalhou lá 7 meses, por duas vezes. Ele estava na caixa do meio e nunca ninguém lhe tinha explicado como é que o alarame funcionava, um dia enquanto contava o dinheiro esticou as pernas e activou, sem saber, o alarme, passado um pouco vê os policiaes armados que entram pelo banco... descobriram que foi ele a activar o alrme e pagou 750 escudos de multa pela deslocação da polícia; Falou dos complementos de foração que deu e que ganhava muito bem. A sua esposa foi sua aluna em duas disciplinas, tentava

passar despercebida, sentava-se ao fundo da sala e era a primeira a sair.; Razões porque saiu da Educação de Adultos: As políticas mudaram e pelo facto de ter descoberto que um colega inventava cursos e formandos para ganhar dinheiro; Quando era miúdo uma tia que morava nos Estados Unidos da América envia-lhe muita roupa mas ele tinha vergonha das gangas, porque ninguém usava, um dia foi buscar a encomenda e deitou a caixa no caixote do lixo, ao chegar a casa bateram-lhe e a mãe disse à tia para não lhe enviar mais roupa.

V Notas de Campo – Entrevistado A

Hoje a entrevista foi na casa entrevistado e não correu como eu tinha planeado. A ideia era pegar num portefólio que o entrevistado fez para utilizar na sua tese e ser ele agora a falar-me dele. Acontece que ao ver o portefólio não senti que esse fosse acrescentar algo que novo ao que foi já dito. Com isso pensei que afinal o entrevistado não falasse pouco, ou se menos, apenas é conciso e preciso naquilo que diz.

Mesmo com este precalço a entrevista acabou por se desenrolar porque felizmente tinha preparado umas questões para esta eventualidade. Acabámos por falar da vida do entrevistado na universidade, fazendo com que esta fase das entrevistas tenha acabado. Agora só depois de analisar o que tenho é que poderei sentir necessidade de fazer nova entrevista.

Antes de começarmos a entrevista falamos da questão da confidencialidade e no segundo a seguir o entrevistado disse, como eu esperava, que não havia problema em revelar o seu nome.

Esta entrevista foi curta até porque grande parte dela não é para ser transcrita, foram ditas muitas coisas que não podem constar depois no trabalho. Pareceu-me a mim, mas não me surpreendendo nada, que esta foi sem dúvida a parte que o entrevistado lhe “custou” mais falar. Dado os acontecimentos recentes e o futuro incerto, a parte da Universidade, não é para si neste momento uma boa fase.

Falou sim com orgulho nos anos de EIC, isso dá-lhe a legria. Outra coisa em que mostrou entusiasmo foi quando lhe pedi que imaginasse se pudesse fazer aquilo que quisesse o que faria... o trabalho no interior algarvio. Sem dúvida que a educação de adultos no nordeste algarvio foi a fase que mais o marcou a nível profissional.

Esta entrevista foi pequena mas gostei pelo sentimento que me fez passar. Certamente falatou-me perguntar muita coisa, até porque não era para isso que estava preparada.